

DOSSIÊ

**SOCIALIZAÇÃO E TRAUMA:
EFEITOS DA PANDEMIA
SOBRE OPINIÕES
E ATITUDES DE JOVENS
DE CURITIBA**

*SOCIALIZATION AND TRAUMA:
THE EFFECTS OF THE PANDEMIC ON
OPINIONS AND ATTITUDES OF YOUNG
PEOPLE IN CURITIBA*

Rodrigo Stumpf González* 

Alexsander Dugno Chiodi** 

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, RS, Brasil.
rodrigo.stumpf@ufrgs.br

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, RS, Brasil.
alexchiodi@gmail.com

RESUMO¹

O artigo analisa o impacto da pandemia de covid-19 e o contexto político brasileiro nos valores e atitudes dos jovens de Curitiba. A hipótese do estudo é que a pandemia intensificou o fenômeno da alienação política e o descrédito nas instituições entre os jovens, afetando sua confiança no futuro e percepção da política. A metodologia utilizada é quantitativa, por meio do método de pesquisa tipo survey aplicada na cidade de Curitiba/PR em dois momentos distintos: 2016, antes da radicalização política e da pandemia, e em 2022. A análise de dados apresenta a percepção dos jovens em relação à pandemia, buscando analisar as divergências entre eles quanto aos efeitos da covid-19 em suas vidas, e em seguida a comparação entre os jovens de Curitiba nos dois períodos, buscando identificar possíveis mudanças significativas em suas percepções e atitudes, e avaliar se essas mudanças podem ser atribuídas às experiências vivenciadas durante o período pandêmico. Os resultados indicam que os eventos ocorridos entre 2018 e 2022 não causaram mudanças substanciais na cultura política da juventude curitibana, permanecendo ambivalente em relação ao regime político e seus representantes, com a presença de valores autoritários e uma perspectiva pessimista em relação à política, sugerindo que a construção de uma cultura política democrática exigirá esforços contínuos e de longo prazo.

Palavras-Chave: Jovens; Pandemia; Socialização; Trauma.

¹ Este artigo contou com o apoio do CNPQ por meio da concessão de bolsa de Produtividade em Pesquisa.

ABSTRACT

This article analyzes the impact of the COVID-19 pandemic and the Brazilian political context on the values and attitudes of young people in Curitiba. The study's hypothesis is that the pandemic intensified the phenomenon of political alienation and distrust in institutions among young people, affecting their confidence in the future and perception of politics. The methodology used is quantitative, employing a survey research method conducted in the city of Curitiba, Paraná, at two different time points: 2016, before the political radicalization and the pandemic, and in 2022. Data analysis presents the perception of young people regarding the pandemic, seeking to analyze the divergences among them regarding the effects of COVID-19 on their lives, and then the comparison between the young people of Curitiba in the two periods, aiming to identify possible significant changes in their perceptions and attitudes and assess whether these changes can be attributed to experiences occurred during the pandemic period. The results indicate that the events that took place between 2018 and 2022 did not cause substantial changes in the political culture of the youth in Curitiba, which remains ambivalent towards the political regime and its representatives, with the presence of authoritarian values and a pessimistic perspective on politics, suggesting that building a democratic political culture will require continuous and long-term efforts.

Keywords: Youth; Pandemic; Socialization; Trauma.

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência sanitária internacional devido à identificação do início de uma pandemia provocada pelo coronavírus Sars-Cov-2, gerador da doença que foi denominada de covid-19. No período de 2020 a 2023, quando a OMS encerrou a emergência (embora a pandemia ainda persista), os registros mostram um total de mais de 750 milhões de casos de infecção pela doença em todo o mundo. No Brasil, especificamente, foram registrados mais de 37 milhões de casos e 700 mil óbitos decorrentes da doença.

A pandemia de covid-19 representa um evento sem precedentes em termos de disseminação de uma enfermidade em tempos recentes. A única comparação que se pode fazer é com a epidemia de gripe que ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, erroneamente chamada de “gripe espanhola”, embora sua origem possa ser rastreada nos Estados Unidos. Desde a Segunda Guerra Mundial, não houve nenhum outro evento que se espalhasse tão rapidamente e causasse tantas mortes em escala global.

As proporções da pandemia são extraordinárias e representam um evento traumático que certamente deixará marcas na trajetória de vida de todos aqueles que a vivenciaram e sobreviveram. Seu impacto se estende a todas as gerações, mas é particularmente significativo nas gerações que nasceram e cresceram em períodos de relativa estabilidade política e econômica, pois lhes falta uma base comparativa para avaliar as transformações em seu cotidiano.

Os jovens brasileiros não estão imunes aos impactos que afetam a juventude em diferentes partes do mundo. Na segunda metade do século XX, o Brasil passou por eventos de grande magnitude nos campos político e econômico, os quais moldaram a vida da maioria da população. Dentre esses eventos, podemos citar a comoção

nacional após a morte de Getúlio Vargas em 1954, o Golpe Militar de 1964 e, especialmente, o aumento da repressão entre 1968 e 1974, a transição democrática e o Movimento das Diretas Já em 1984, além da hiperinflação e os planos econômicos entre 1985 e 1994, caracterizados pela constante mudança do padrão monetário, resultando em uma geração que vivenciou o uso de seis moedas diferentes em um período de apenas dez anos: Cruzeiro, Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro Novo, Cruzeiro Real e Real.

Os nascidos na virada do novo milênio conheceram a estabilidade econômica, com baixa inflação e diminuição da pobreza. Ainda que a década seguinte não tenha sido isenta de conflitos, como as manifestações de rua de 2013 e o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2015, esses eventos não tiveram um impacto tão significativo na sociedade como um todo em comparação com os mencionados anteriormente.

Essa tranquilidade de décadas mudou nos anos recentes. Em 2018 ocorreu uma eleição cujos resultados podem ser discutidos, tendo em vista a intervenção do Poder Judiciário para impedir a candidatura de Lula – o mesmo Judiciário, com uma pequena mudança de peças no Supremo Tribunal Federal, que posteriormente anulou os processos e permitiu sua candidatura vitoriosa de 2022.

O mandato de Jair Bolsonaro, que ocorreu entre 2019 e 2022, já continha elementos controversos o suficiente para gerar polêmicas e impactar a população, afetando a cultura política. No entanto, a situação se agravou ainda mais com a chegada da pandemia, resultando em uma combinação entre ameaça sanitária e uma reação desastrosa por parte do governo federal. O próprio presidente da República assumiu o papel de negar a ciência e prejudicar as ações de prevenção e combate à pandemia através de uma série de atos, incluindo a substituição frequente do Ministro da Saúde até encontrar alguém que seguisse suas ordens. Não por acaso, a escolha recaiu sobre um general do Exército, em vez de um médico ou cientista.

Como esses eventos afetaram os jovens e sua visão da política brasileira? Terão sido suficientes para mudar o padrão de valores e atitudes de jovens da mesma idade que viveram o período de relativa calma política das décadas anteriores?

A perda de confiança institucional já havia sido identificada por conta da polarização política (GONZÁLEZ e CHIODI, 2021), causada pela emergência eleitoral da extrema-direita no Brasil, que abandonou o papel secundário ao qual esteve relegada desde a redemocratização para tornar-se protagonista direta do exercício do poder (GONZÁLEZ, BAQUERO e GROHMANN, 2020). A crispação, no entanto, foi potencializada pelo discurso anticientífico e o cenário de intensa rivalidade que se instaurou no processo político brasileiro, que teve seu auge com os acampamentos pró-golpe e a tentativa frustrada de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023.

A pesquisa *Democracia, valores políticos e capital social: um estudo comparativo de socialização política dos jovens no Sul do Brasil*, coordenada pelo professor Marcello Baquero, coletou dados sobre valores e atitudes de jovens de escolas de ensino médio nas capitais do Sul do País, Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, entre 2015 e 2016 (NUPESAL, 2016).

Com o apoio do CNPQ, esse levantamento de dados estava previsto para voltar a ser executado entre 2019 e 2020. Os dados foram coletados em Porto Alegre em 2019, mas a realização da pesquisa teve de ser suspensa em março de 2020, com a declaração da emergência sanitária e o fechamento das escolas determinado pelas medidas de distanciamento social adotadas pela maioria dos estados e municípios.

O levantamento foi realizado em Curitiba no ano de 2022, quando da reabertura das escolas de ensino médio. Nessa oportunidade, o instrumento foi revisado para incluir questões relativas às percepções e experiências dos estudantes sobre a pandemia do coronavírus (NUPESAL, 2022).

Abre-se uma oportunidade para uma avaliação de outra natureza: a das teorias do impacto de eventos singulares no processo de socialização (BAQUERO e GONZÁLEZ, 2011). Quão diferentes são os valores e atitudes políticas dos jovens que vivenciaram a pandemia e a crispação com relação aos que não passaram por essa experiência?

Assim, estão disponíveis dados que permitem a comparação diacrônica entre dois períodos: 2016, anterior ao processo mais agudo de radicalização política e à ocorrência da pandemia, e 2022, auge da polarização e passada a parte mais grave da emergência sanitária.

A hipótese deste trabalho é que o fenômeno da alienação política, marcado pelo crescente descrédito na participação e nas instituições, previamente identificado como fenômeno intergeracional, é intensificado pelo trauma causado pela pandemia, que afetaria a confiança no futuro e percepção da política entre os jovens.

Na primeira seção do artigo, são abordadas as principais teorias sobre a socialização, com o objetivo de distinguir as perspectivas que destacam diversos fatores, tais como idade, experiências e a importância do trauma como fator de mudança.

Em seguida são apresentados os dados referentes à percepção dos jovens de Curitiba em relação à pandemia, com o objetivo de analisar o nível de divergência entre eles quanto aos efeitos da covid-19 em suas vidas. Posteriormente, realiza-se uma comparação entre os jovens de Curitiba nos dois períodos, 2016 e 2022, buscando identificar possíveis mudanças significativas em suas percepções e atitudes e avaliar se tais mudanças podem ser atribuídas às experiências vivenciadas durante o período pandêmico. Por fim, o artigo apresenta conclusões preliminares e sugere proposições e futuras abordagens para aprofundar o tema e compreender de forma mais abrangente o impacto da pandemia nas percepções e atitudes dos jovens de Curitiba em relação à política e à sociedade.

TEORIAS DA SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

O termo “socialização política” se popularizou a partir da década de 1950, sob a influência dos trabalhos fundamentados na psicologia comportamentalista e na sociologia parsoniana. Além dessas bases, as teorias sobre o desenvolvimento de Piaget também foram incorporadas para complementar a compreensão desse fenômeno (SCHMIDT, 2001).

A obra de Herbert Hyman (1959) é considerada um dos textos fundadores do campo da socialização política. A análise de Gabriel Almond no final dos anos 1950 (ALMOND e COLEMAN 2015) incorporou a perspectiva funcionalista no modelo de comparação, e Almond e Verba (1965) contribuíram ao incorporar o conceito de socialização na formação da cultura política. Além disso, outros autores desenvolveram o conceito e conduziram estudos empíricos focados na juventude estadunidense, como os esforços de Easton e Dennis (1969) e Jennings e Niemi (1974).

Os estudos sobre socialização estadunidenses refletem o padrão de organização de sua sociedade. Nesse contexto, três agências de socialização são consideradas fundamentais: a família, a igreja e a escola. Durante a Guerra Fria, enquanto nos países socialistas a reprodução de valores ocorria por meio de organizações estatais, como o sistema escolar, sendo rotulada como doutrinação, nos Estados Unidos, a mesma atividade em suas próprias escolas (como a repetição da Pledge of Allegiance – Juramento de Fidelidade à Bandeira) era vista como formação de valores cívicos.

Essa perspectiva valoriza os anos iniciais de vida como período crucial para a formação dos valores e crenças que provavelmente se manterão ao longo da vida. Contribui para esta perspectiva a relativa estabilidade da sociedade. Nos períodos mencionados, a distância ideológica entre os dois principais partidos políticos (Republicanos e Democratas), especialmente em questões como política externa e fundamentos da sociedade, era relativamente pequena. Isso resultava

em um pertencimento partidário que tendia a ser mantido entre as gerações. Assim, a identidade partidária e ideológica recebida pela família, incluindo a sua confissão religiosa, é reforçada pela escola e mantida pela vida toda. A escola, assim, desempenha papel importante na consolidação e reforço dessas identidades políticas e ideológicas adquiridas durante a infância e adolescência.

Essa perspectiva de socialização fundamenta teorias como a modernização, de Ronald Inglehart (1971, 2015 [1977]). A mudança de valores, impactada pela experiência pessoal na busca pela sobrevivência material, afeta a formação dos indivíduos. A mudança tende a ser de longo prazo, pelo processo de substituição das gerações.

Sob a influência de autores como Lev Vygotsky (1994) e Erik Erikson (1968 e 1994), passa-se a entender a formação do indivíduo como um processo vitalício e que pode sofrer mudanças.

Vygotsky (1994), ainda que tenha construído sua obra muito antes, provavelmente pelo fato de ser um autor soviético, somente foi reconhecido por sua contribuição na análise do desenvolvimento psicológico do indivíduo décadas depois. Para esse autor, as experiências em qualquer fase da vida podem ter impacto no comportamento do indivíduo.

Segundo Erikson (1968 e 1994), a mudança de padrões de comportamento ao longo da vida não se relaciona apenas com a idade, mas com os papéis sociais que o indivíduo assume. Em alguns contextos sociais, a transição para a vida adulta e independência ocorre aos 18 anos, com a constituição de família e a independência material dos pais. No entanto, em outros, esse processo é mais lento, e as pessoas podem chegar aos 30 anos vivendo sob o mesmo teto e dependendo financeiramente da família. Nesse sentido, é preciso analisar o processo de socialização levando em conta a sociedade em que ele acontece. Os padrões de organização social, o grau de estabilidade ou instabilidade

econômica e política e eventos marcantes na vida dos indivíduos são fatores que podem afetar a socialização.

A seguir são analisados dados sobre dois grupos de jovens do ensino médio, da cidade de Curitiba, coletados em 2016 e 2022, buscando verificar se há diferenças marcantes na sua cultura política e se as diferenças podem ser atribuídas aos eventos recentes.

A JUVENTUDE DE CURITIBA E A PANDEMIA

As questões propostas no levantamento de dados realizado em 2022 incluíram uma bateria sobre percepções do impacto da pandemia na vida dos jovens e percepção deste grupo sobre as reações da sociedade.

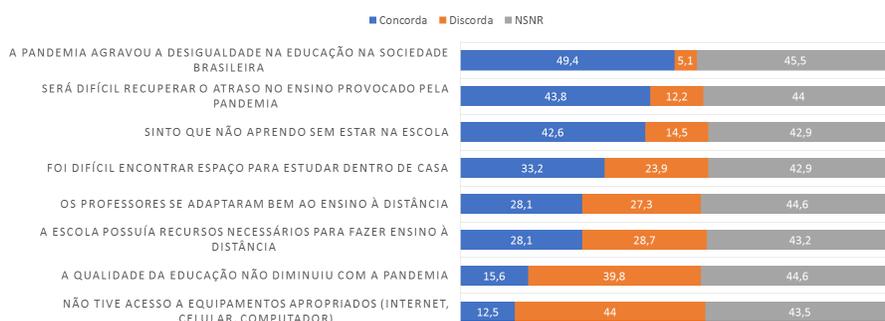
Apresenta-se aqui, inicialmente, a percepção de como a pandemia afetou o sistema de ensino. O Gráfico 1 indica que a avaliação do impacto da pandemia sobre o ensino é sujeita a controvérsia. Em primeiro lugar, chama a atenção o grande percentual de abstenção de respostas, indicando a existência de uma reflexão e avaliação definidas sobre o ocorrido no período. A avaliação gera mais dúvidas do que certezas.

Se observarmos a ampla maioria das respostas, fica evidente que há consenso sobre o agravamento da desigualdade devido à pandemia. Além disso, muitos participantes do levantamento concordam que enfrentaram dificuldades no aprendizado fora do ambiente escolar, principalmente devido às dificuldades de adaptação dos professores a novas práticas didáticas. Preocupações com a perda de qualidade na educação também foram amplamente compartilhadas, gerando inquietação quanto à possibilidade de recuperar o atraso acumulado.

É importante destacar que a percepção veiculada nos meios de comunicação pode não refletir totalmente a realidade das experiências individuais dos jovens durante a pandemia, uma vez que apenas 12,5%

afirmam não ter tido acesso adequado a equipamento no período. Sob essa ótica, outros fatores que não a desigualdade ao acesso de aparelhos eletrônicos ou à internet podem ter contribuído para as dificuldades de aprendizado relatadas.

Gráfico 1. Sobre as aulas durante a pandemia



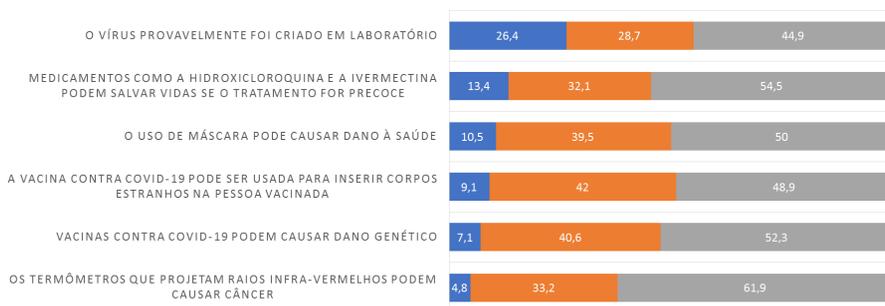
Fonte: Nuposal (2016, 2022). n 2016 = 774; n 2023 = 364.

Sobre as percepções da pandemia como fenômeno, a percepção dos jovens parece reproduzir a da população em geral. Por um lado, há uma parcela que acredita na proposição de que o vírus pode ser resultado de criação humana, levantando questões sobre a possibilidade de ser um produto de laboratório ou de alguma ação deliberada. Essa perspectiva pode ser influenciada por teorias da conspiração. Por outro lado, temos aqueles que aderem à teoria mais amplamente aceita de que a origem do vírus é zoonótica, respaldada por evidências científicas e que é a explicação predominante dada pelos especialistas em saúde pública.

Há uma presença marginal da aceitação dos discursos anticientíficos propagados no período, como o uso da hidroxicloroquina e da ivermectina como medicamentos contra o vírus, o uso de máscaras como prejudicial, o uso da vacina como arma ou danosa ao organismo. O alto percentual de não respostas observado sugere que muitos entrevistados

manifestam incerteza e desconfiança, optando por não se posicionar sobre temas polêmicos, resultado da alta circulação de desinformação sobre o assunto no período pandêmico (RECUERO, SOARES e ZAGO, 2021; SOARES *et al.*, 2021).

Quadro 2. Pensando em notícias e comentários que circulam durante a pandemia, qual sua posição sobre as afirmações abaixo



Fonte: Nuposal (2016, 2022). n 2016 = 774; n 2023 = 364.

A JUVENTUDE E A POLÍTICA

Nesse contexto são analisadas atitudes e percepções dos jovens sobre a política, comparando as posições dos jovens de Curitiba em 2016 e 2022².

Nessa primeira análise, focamos nas percepções da situação pessoal. Ao examinar a Tabela 1, observa-se um crescimento no sentimento de pessimismo em relação ao futuro, com uma elevação no número daqueles que acreditam que seu futuro será pior do que o de seus pais.

² Devido às dificuldades enfrentadas na coleta em 2022 por conta das restrições de acesso aos estudantes devido à pandemia, os questionários foram aplicados on-line, o que levou à redução do tamanho da amostra, com consequente aumento da margem de erro e a existência de algumas questões, em geral as últimas do questionário, com um percentual de não respostas fora do padrão habitual.

Tabela 1: Você acha que seu futuro será melhor do que o dos seus pais?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Sim, será melhor	370	47.8	140	38.5
Será Igual	60	7.8	30	8.2
Não, será pior.	52	6.7	50	13.7
Não respondeu	292	37,7	144	39.6
Total	774	100,0	364	100,0

Fonte: Nupesal (2016, 2022).

Esse pessimismo reflete-se na avaliação que os indivíduos fazem do país. Em 2016, o sentimento predominante era o de indignação, que, embora compartilhado por diferentes motivos, unia tanto aqueles que criticavam o afastamento da presidente Dilma quanto os que percebiam uma escalada da corrupção. Em 2023, entretanto, nota-se uma maior divisão entre os diferentes sentimentos. O cenário político e social pode ter se tornado mais complexo e polarizado, resultando no aumento da fragmentação de sentimentos.

De toda forma, denota-se uma sólida maioria com sentimentos negativos em relação ao país. Mesmo a inclusão da opção “indiferente” em 2022, que não havia em 2016, alterou pouco esse domínio, havendo um percentual de menos de 10% de respondentes com sentimentos positivos em relação ao momento do país.

Os sentimentos pessoais e a avaliação sobre a situação do país interferem em parte no sentimento em relação à política. Nesse caso, ainda que tenha se reduzido, em 2016 quase um terço dos jovens declaravam sentimentos positivos (interessado, participativo), marcando 27,2% em 2022. As categorias que indicam uma aversão ou afastamento, como alienado, indiferente e desiludido, se equilibram com os sentimentos positivos, com uma visão menos negativa do país.

Tabela 2: Qual é o sentimento que você tem nesse momento do país?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Inseguro	165	21.3	85	23.4
Indignado	375	48.4	87	23.9
Assustado	39	5.0	29	8.0
Frustrado	130	16.8	70	19.2
Feliz	10	1.3	6	1.6
Confiante	8	1.0	13	3.6
Satisfeito	4	0.5	9	2.5
Outro	37	4.8	15	4.1
Indiferente	---	---	32	8.8
Não respondeu	6	0.8	18	4.9
Total	774	100.0	364	100,0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

Tabela 3: Como você se sente com relação à política?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Alienado	63	8.1	24	6.6
Indiferente	114	14.7	63	17.3
Desiludido	94	12.1	44	12.1
Interessado	199	25.7	70	19.2
Participativo	54	7.0	29	8.0
Isolado	---	---	22	6.0
Outro	48	6.2	19	5.2
Não respondeu	202	26.1	93	20,9
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

A eficácia política, conforme definida por Easton e Dennis (1969), pode ser compreendida como a percepção dos cidadãos em relação à sua capacidade de influenciar o processo político e de que suas opiniões e ações são levadas em conta pelas instituições políticas. Nesse contexto, o grau de interesse por política é uma variável de grande valor descritivo, uma vez que reflete o nível de engajamento e interesse dos jovens no cenário político.

A persistente polarização em relação ao interesse político é evidente, com uma minoria expressando grande interesse e outra minoria demonstrando total desinteresse, enquanto a maioria se enquadra na categoria intermediária, apresentando apenas um nível moderado de interesse político. Essa tendência tem se mantido ao longo do tempo, com um discreto aumento no número de indivíduos que demonstram alto grau de interesse político.

Tabela 4: Você se interessa por política?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Muito	127	16.4	87	23.9
Pouco	468	60.5	203	55.8
Nenhum interesse	141	18.2	60	16.5
Não respondeu	38	4.9	14	3.8
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

O interesse por política é compatível com a percepção de importância da opinião das pessoas, com a maioria considerando que esta não é levada em conta. Entre 2016 e 2022, diminuiu o número dos que consideravam que ao menos às vezes isso ocorria.

Tabela 5: Você acha que a opinião da maioria das pessoas é levada em conta no nosso país?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Sim	48	6.2	26	7.1
Às vezes	300	38.8	115	31.6
Não	354	45.7	169	46.4
Não respondeu	72	9,3	54	14.9
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

A avaliação dos políticos reflete essa falta de interesse e percepções majoritariamente negativas. Questionados se todos os políticos são iguais, a maioria concorda totalmente ou em parte. Se considerarmos que o aumento de não respostas em 2022 provavelmente se deve não a uma indecisão sobre a pergunta, mas um abandono do questionário, há pouca mudança com relação a 2016.

Para padrões do Brasil, no entanto, um percentual de 40% que acredita haver diferenças e potencialmente considerando a atuação de alguns políticos como positiva, já seria algo considerável.

Tabela 6: Políticos são todos iguais.

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Concordo	124	16.0	53	14.6
Concordo em Parte	291	37.6	127	34.9
Discordo	322	41.6	134	36.8
Não respondeu	37	4.8	50	13.7
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

Uma possível visão positiva de parte da classe política se observa quando questionados sobre o cumprimento de promessas. Mesmo que a grande maioria tanto em 2016 como em 2022 aponte que concorda totalmente ou em parte que as promessas são descumpridas, ocorre uma mudança de uma maioria que concordava totalmente com a afirmação para a maioria concordar apenas em parte, o que corrobora a percepção de alguns que nem todos os políticos são iguais.

Tabela 7: Os políticos prometem, depois não cumprem.

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Concordo	425	54.9	137	37.6
Concordo em Parte	310	40.1	169	46.4
Discordo	18	2.3	8	2.2
Não respondeu	21	2.7	50	13.7
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

Avaliando a principal acusação aos políticos nas últimas décadas, a de corrupção se manteve relativamente estável tanto em relação ao percentual dos que concordam que todo político é corrupto quanto em relação aos que discordam. Nesse sentido, cerca de 20% dos jovens continuam acreditando na probidade de pelo menos parte dos políticos.

O que poderia representar uma perspectiva de desenvolvimento de uma cultura política democrática no futuro, contrariando padrões das gerações anteriores (BAQUERO e GONZÁLEZ, 2011; BAQUERO, 2018; BAQUERO, GONZÁLEZ e GROHMANN, 2020), no entanto, se revela menos alvissareiro quando se verifica que uma possível avaliação positiva dos políticos não se traduz necessariamente numa opção de regime.

Tabela 8: Todos os políticos são corruptos.

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Concordo	171	22.1	71	19.5
Concordo em Parte	432	55.8	176	48.4
Discordo	158	20.4	67	18.4
Não respondeu	13	1.7	50	13.7
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

Questionado qual a forma para resolver os principais problemas do país, mais de um terço dos respondentes prefere um líder que coloque as coisas no lugar e não a participação da população nas decisões do governo. Esse percentual se manteve estável entre 2016 e 2022.

Tabela 9: Qual das soluções abaixo você acha melhor para resolver estes problemas?

Opções	2016		2022	
	N	%	N	%
Um líder que coloque as coisas no lugar.	273	35.3	132	36.3
A participação da população nas decisões do governo.	489	63.2	213	58.5
Não respondeu	12	1.6	19	5.2
Total	774	100.0	364	100.0

Fonte: Nuposal (2016, 2022).

O questionário de 2016 não trazia questões diretas sobre o apoio à democracia, o que impede a comparação. No entanto, em 2022, ao serem perguntados se a democracia é melhor do que qualquer outra

forma de governo, quase o mesmo percentual de pessoas respondeu concordando e concordando em parte. Essa informação sugere que existe um grupo considerável de pessoas que têm restrições ou reservas em relação à democracia.

Se somarmos esse grupo (concorda em parte) com aqueles que discordam completamente da afirmação, podemos inferir que a maioria dos entrevistados demonstrou algum grau de dúvida ou insatisfação com a democracia como forma de governo. Essa atitude pode ser preocupante, pois pode indicar uma perda de confiança nas instituições democráticas ou uma insatisfação geral com o sistema político.

Tabela 10: Democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo 2022.

Opções	N	%	% Válido
Concordo	147	40.4	46.8
Concordo em Parte	142	39.0	45.2
Discordo	21	5.8	6.7
Não respondeu	54	14.8	---
Total	364	100.0	100.0

Fonte: Nupesal (2022).

Para Lopes (2004), a confiança na democracia como o melhor regime político possível desempenha um papel central na estabilidade e sustentação do sistema democrático. Embora o conflito de ideias seja uma parte inerente ao arranjo de poder, é essencial preservar a supremacia do pleno funcionamento do regime, sob pena de “[...] ameaçar sua estabilidade e diminuir a aceitação voluntária dos cidadãos para com a política governamental, enquanto o impacto do apoio às autoridades está confinado ao domínio da atividade eleitoral convencional” (LOPES, 2004, p. 163).

A preocupação com a formação de uma cultura política democrática vai além dos riscos associados à defesa de lideranças carismáticas que se colocam acima do povo e à incerteza sobre a democracia como a melhor opção. O indicador crucial para acender o sinal de alerta é a disposição de considerar um governo autoritário como a melhor alternativa em determinadas circunstâncias.

Tabela 11: Em algumas circunstâncias um governo autoritário é melhor do que um governo democrático 2022.

Opções	N	%	% Válido
Concordo	33	9.1	10.6
Concordo em Parte	95	26.1	30.4
Discordo	184	50.5	59.0
Não respondeu	52	14.3	---
Total	364	100.0	100.0

Fonte: Nupesal (2022).

Nessa questão, um percentual de 41% dos que responderam concordaram no todo ou em parte que um governo autoritário pode ser melhor do que um governo democrático. Tal número supera inclusive o percentual próximo aos 30% entre os que apoiam o autoritarismo somados aos que dizem que “tanto faz”, encontrado na população brasileira nas pesquisas do Latinobarômetro (GONZÁLEZ, 2014).

As aparentes posições positivas de avaliação dos políticos nas Tabelas 7 e 9, com discordâncias em relação à crença de que todos são iguais ou corruptos, parecem ser resultado menos de uma crença universal na classe política e mais devido à intensa polarização política. Nesse contexto, a rivalidade política se manifesta com força, e os indivíduos tendem a enxergar os políticos do seu grupo como íntegros e virtuosos, enquanto rotulam os políticos do grupo adversário

como corruptos e inescrupulosos. Essa polarização e partidarismo exacerbados criam uma percepção seletiva sobre a honestidade dos políticos, contribuindo para a dissociação entre as opiniões públicas sobre diferentes figuras políticas.

CONCLUSÕES

Neste trabalho se buscou comparar opiniões e atitudes de jovens da cidade de Curitiba em dois momentos distintos: um antes do governo Bolsonaro e pré-pandemia, e outro posterior à pandemia (pelo menos em seus efeitos mais graves). O objetivo foi investigar possíveis mudanças nas percepções dos jovens sobre questões políticas e sociais, levando em conta o contexto político e as repercussões da pandemia.

A hipótese apresentada lança a expectativa que estes dois fenômenos aprofundassem uma perspectiva pessimista e alienada da situação do país e da política, como reflexo do trauma tanto da polarização política ampliada a partir de 2018 como pela pandemia e da resposta estatal a seus efeitos.

No entanto, não se percebe grande diferença nas posições dos dois períodos. A perspectiva de avaliação predominantemente negativa da realidade se manteve, com as diferenças entre os dois períodos ficando dentro da margem de erro da pesquisa.

Apenas a substituição da indignação para outras posições negativas, na avaliação da situação do país, parece demonstrar uma mudança para uma posição menos reativa e que contribui para o sentimento de alienação.

O desinteresse por política e a avaliação negativa dos políticos permaneceu em patamares altos. Os percentuais dos que consideram saídas autoritárias como aceitáveis, colocando a democracia como

uma escolha descartável em certas situações, são compatíveis com as análises feitas por Moisés (2008), da manutenção de uma cultura política ambivalente em relação ao regime democrático, e por Baquero (2018), de existência de uma inércia na mudança dos valores, com a continuidade da presença de valores autoritários, apesar da criação de instituições democráticas há várias décadas.

Não se confirma a hipótese de que, ao menos até este momento, os eventos ocorridos entre 2018 e 2021 tenham causado uma mudança substancial na cultura política da juventude curitibana.

Mesmo o Paraná sendo amplamente identificado com o bolsonarismo, com sua capital atribuindo 64,78% dos votos ao candidato à reeleição, os jovens em 2022 não têm posições profundamente diferentes de 2016.

Essa situação pode ter duas interpretações. Do ponto de vista teórico, que nem sempre eventos de grande potencial de impacto são suficientes para mudar as atitudes de uma população. O aspecto inercial dos padrões culturais se suplanta com relação ao efeito dos fatores conjunturais. Do ponto de vista normativo, embora positivo que não tenha havido um agravamento da alienação e da visão antipolítica, a cultura política dominante entre os jovens mantém padrões semelhantes aos descritos para a população em geral, que é ambivalente com relação ao regime político e seus representantes e constitui uma cultura política que, se de um lado pode ser caracterizada como um misto de paroquial e sujeita (ALMOND e VERBA, 1965), por outro, continua incorporando avaliações positivas de soluções autoritárias.

Nesse sentido, há uma continuidade que impede a perspectiva de uma mudança no futuro próximo. Os jovens que estão entrando na esfera política neste momento, seja como eleitores, seja como atores do processo de participação política, mantêm o tradicionalismo e a aceitação do autoritarismo entre seus valores e atitudes.

Dessa maneira, a construção de uma cultura política democrática, capaz de promover a estabilidade do regime e evitar a tolerância ou recorrência de eventos como acampamentos à beira dos quartéis e o ocorrido em Brasília em 8 de janeiro de 2022, é um processo complexo que exigirá décadas de esforço contínuo. O país continua dependente de líderes carismáticos e de êxito nas políticas econômicas como fatores essenciais para alcançar a estabilização política.

Apesar das quase quatro décadas decorridas desde a transição para a democracia e do contínuo exercício do direito ao voto por meio de eleições, ainda nos deparamos com uma realidade semelhante à descrita na canção de Belchior (1976): “Minha dor é perceber / Que apesar de termos feito tudo o que fizemos / Ainda somos os mesmos e vivemos / Como os nossos pais”. Esse cenário evidencia que a mudança efetiva na cultura política é um desafio persistente, refletindo a complexidade e a resistência de elementos arraigados na sociedade que requerem uma abordagem de longo prazo para a efetiva consolidação da democracia.

SOBRE OS AUTORES

Rodrigo Stumpf González: Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Alexsander Dugno Chiodi: Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

REFERÊNCIAS

1. ALMOND, Gabriel Abraham; COLEMAN, James Smoot (Eds.). *The politics of the developing areas*. Princeton University Press, 2015.
2. ALMOND, Gabriel Abraham; VERBA, Sidney. *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Boston: Little Brown, 1965.
3. BAQUERO, Marcello. *Democracia inercial: assimetrias entre economia e cultura política na América Latina*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2018.
4. BAQUERO, Marcello; GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf. Eleições, estabilidade democrática e socialização política no Brasil: análise longitudinal da persistência de valores nas eleições presidenciais de 2002 a 2010. *Opinião pública*, v. 17, p. 369-399, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762011000200004>
5. BELCHIOR. Como nossos pais. *Alucinação*. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.
6. EASTON, David; DENNIS, Jack. *Children in political system: origins of political legitimacy*. New York: McGraw-Hill, 1969.
7. ERIKSON, Erik H. *Identity and the life cycle*. WW Norton & company, 1994.
8. ERIKSON, Erik H. *Identity youth and crisis*. WW Norton & company, 1968.
9. GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf. Cultura política, qualidade da democracia e interrupção de mandatos presidenciais na América Latina. In: IX ENCONTRO DA ABCP, 9., 2014. *Anais do IX Encontro da ABCP*. Brasília, 2014.
10. GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; BAQUERO, Marcello; GROHMANN, Luis Gustavo M. ¿Nueva derecha o vino viejo en odres nuevos?: la trayectoria conservadora en Brasil en el último siglo. *Política y Sociedad*, v. 57, n. 3, p. 647-670, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7695578>. Acesso em: 12 ago. 2023.
11. GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf; CHIODI, Alexander Dugno. O impacto das mídias digitais como agentes de socialização dos estudantes de escolas públicas em Porto Alegre. *Conexão Política*, v. 10, n. 1, p. 160-189, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/259905/001169157.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 ago. 2023.
12. HYMAN, Herbert. *Political socialization: a study in the psychology of political behavior*. New York: Free Press, 1959.
13. INGLEHART, Ronald. *The silent revolution: changing values and political styles among Western publics*. Princeton University Press, 2015.
14. INGLEHART, Ronald. The silent revolution in Europe: intergenerational change in post-industrial societies. *The American Political Science Review*, v. 65, n. 4, p. 991-1017, dez. 1971. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1953494>. Acesso em: 14 ago. 2023.
15. JENNINGS, M. Kent; NIEMI, Richard. *The political character of adolescents*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
16. LOPES, Denise Mercedes Nuñez Nascimento. Para pensar a confiança e a cultura política na América Latina. *Opinião pública*, v. 10, n. 1, p. 162-187, maio 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762004000100007>

17. RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre Covid-19 no Twitter. *Revista Contracampo*, v. 40, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v40i1.45611>
18. MOISÉS, J. Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, p. 11-43, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000100002>
19. NUPESAL. *Democracia, valores políticos e capital social*. [Banco de dados]. Porto Alegre: Núcleo de Pesquisa sobre América Latina, 2022.
20. NUPESAL. *Democracia, mídias e capital social*. [Banco de dados]. Porto Alegre: Núcleo de Pesquisa sobre América Latina, 2016.
21. SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.
22. SOARES, Felipe Bonow *et al.* Desinformação sobre o covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada como debate político. *Ciência da Informação em Revista*, v. 8, n. 1, p. 74-94, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160553>. Acesso em: 14 ago. 2023.
23. VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Submissão em: 19 jul. 2023.

Aceito em: 24 jul. 2023.



